



100 anos de Burle Marx: Temas e variações do alumbramento

Nélia Bastos*

Em 1952, uma borboleta amarela seguiu o cronista Rubem Braga pelas ruas do Centro do Rio. O cronista escreve num jeito enviesado de escrever poesia... É sabido por muitos. Assim, este texto começa com a história inacabada da borboleta amarela. “Tão amarela e contente da vida. Saçaricando e leve. De onde vinha e aonde iria? Nascera, acaso, no jardim do Ministério da Educação? Não; o Burle Marx fez bons jardins, mas creio que não os faz com borboletas. Quando eu o mandar fazer os jardins do meu palácio, direi: Burle, aqui sobre esses manacás, quero uma borboleta amarela... O cronista pára no sinal e a vê fagueira, voar para o outro lado, indiferente aos carros que passam roncando sob suas breves asas... O sinal abre e a borboleta some”. Me lembrei desta crônica, quando li o texto da Revista de domingo *O Globo*, de 30/11/08, sobre Burle Marx. O Rio de Janeiro homenageia os 100 anos de Burle Marx, com uma mega-exposição, no Paço Imperial da Praça XV, a partir de 12/12/2008. O Paço inteiro será ocupado por 365 peças, filmes, fotos e obras do artista: tapeçarias, cerâmicas, figurinos, guaches, panos, maquetes e muitas pinturas.

Roberto Burle Marx nasceu em São Paulo (em 1909) e morreu no Rio, em 1994. A família transferiu-se para o Rio em 1913 e foi viver numa casa no sopé do Morro da Babilônia, no Leme. Desde menino, Burle ajudava sua mãe a cuidar das plantas do jardim. Cecília Burle teve papel preponderante na sua formação. Cultivou a criatividade e a sensibilidade do filho para a música, plantas e artes em geral. Tinha o entendimento da natureza como um mundo mágico e indissociável da divindade. Esta visão, panteísta, da natureza, é ao mesmo tempo, filosofia e fluxo poético. Uma espécie de meditação sobre a natureza, a sociedade e arte. Pano de fundo a partir do qual as idéias de Burle Marx se formaram. Poderes que se equilibraram e se interpenetraram no seu trabalho. A sua aproximação ao jardim é a do autodidata que repetia ciclicamente suas obsessões e as incorporava ao que aprendia. O seu primeiro projeto foi um jardim para a casa da família Schwartz, em Copacabana, em 1932. A casa não existe mais. O projeto integrado da arquitetura da casa ao jardim deu fama ao jovem de 23 anos. Logo depois, Lúcio Costa estimulou-o a entrar para a Faculdade Nacional de Belas Artes.

Aos 19 anos, o paisagista em busca de tratamento para problemas nos olhos mudou-se com a família para Berlim, onde ficaram de 1928 a 1929. Lá, tomou conhecimento das vanguardas artísticas, frequentou o Jardim Botânico local, com estufa de vegetação brasileira. Espécies raras que o fascinaram. Dentre as exposições que visitou, as mais importantes para ele foram as de Van Gogh, Picasso, Matisse e Klee. Levando-o à decisão de estudar pintura. Haruyoshi Ono, seu amigo desde 1960, diretor do Escritório Burle Marx e Cia., disse: “Ele pintou com fúria até morrer. A sua pintura, menos valorizada que seu paisagismo, ganha força desde que ele morreu. Aos 80 anos, acordava às 5 horas, cantando Schubert. Pintava até o meio da manhã, ia ao escritório e trabalhava até o fim do dia. Morava no sítio em Guaratiba. Lá ambientava plantas coletadas país afora. Era no *habitat* das plantas que as pesquisava. Tirava fotos, anotava detalhes, coletava sementes.”

Na obra paisagística de Burle Marx destaca-se o Aterro do Flamengo (1961), uma das experiências mais significativas no contexto brasileiro. Em termos de utilização do parque como instrumento específico de planejamento urbano, que precede e orienta as iniciativas da especulação imobiliária. Tão em alta nos dias que correm.

Burle Marx foi comparado com os *Capo di Bottega*, à maneira dos *ateliers* renascentistas, por Bardi: “Em Burle Marx a arte é um produto de colaboração, ou o resultante de experiências diversas, coordenadas. Uma atividade de projeto, complementada por estudos e não pode ser dissociada dos seus colaboradores, das suas amizades, das suas inquietudes...”

Seu legado compõe-se de obras inesquecíveis: Praça da Casa Forte (Recife, 1935), Parque da Pampulha (Belo Horizonte, 1942), Aterro do Flamengo (Rio, 1961), Parque do Ibirapuera (São Paulo, 1954), Parque Del Este (Caracas, 1955), Eixo Monumental (Brasília, 1961), Lagoa Rodrigo de Freitas (Rio, 1970), Parque Mangabeiras (Belo Horizonte, 1980), Jardins da sede da Unesco (Paris, 1962), Jardins da OEA (Washington, 1979), além de 2 mil projetos tendo recebido muitas honrarias. Seu nome designou uma nova espécie de planta tropical: *Burle Marx*. Nos mais belos cartões-postais da cidade do Rio de Janeiro, estão os seus jardins: Largo da Carioca, Calçadão de Copacabana, orla do Leme, Outeiro da Glória, e o Aterro do Flamengo.

O título deste texto “pedi” emprestado a Manuel Bandeira – é uma sugestão para que vejam a exposição. E digam como o poeta: “Eu vi os céus! Eu vi os céus!”

*A aspiana Nélia Bastos é aposentada do Dep. de Línguas Estrangeiras Modernas da UFF

Fontes: Revista de *O Globo*, de 30/11/08; www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg013/arg013_01.asp; e pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Burle_Marx. Acesso em 4/12/2008.

Uso exclusivo dos Correios	Data da reintegração
<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Falecido <input type="checkbox"/> Recusado <input type="checkbox"/> Mudou-se <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente <input type="checkbox"/> Não existe o nº. indicado <input type="checkbox"/> Desconhecido <input type="checkbox"/> Outros (especificar) _____	Rubrica do carteiro



IMPACTOS SOCIAIS do Desenvolvimento Científico e Tecnológico¹

Waldimir Pirró e Longo

(Continuação)

2º IMPACTO: A dinâmica atual da evolução científica e tecnológica e a imprevisibilidade do futuro

Em decorrência da busca e apropriação sistemática – e bem-sucedida – de conhecimentos científicos, para a produção de inovações tecnológicas, estima-se que tais conhecimentos têm sido duplicados em períodos que variam de 10 a 15 anos. Evidentemente, tal desempenho tem-se refletido numa aceleração das mudanças sociais sem precedente na história da Humanidade, comandada pela freqüente introdução de inovações em produtos e serviços que alteram a vida dos cidadãos, o funcionamento das instituições e das empresas e o desenvolvimento relativo dos países.

Os impactos das transformações tecnológicas, decorrentes dessa dinâmica sobre a vida dos cidadãos e sobre as organizações sociais em geral, podem ser deduzidos da experiência vivida por um cidadão brasileiro nascido na virada do século XIX para o século XX. Em 1906, morando numa casa em rua de terra, com luz de lampião, fogão a lenha e água de poço, um menino fica sabendo pelo seu pai que um compatriota, chamado Santos Dumont, havia, em Paris, acabado de voar num artefato mais pesado que o ar – o XIV Bis. Nessa ocasião, a França era considerada uma potência mundial. Sessenta e três anos depois, ou seja, em 1969, esse mesmo cidadão, agora com 70 anos, morando numa casa com iluminação elétrica, dotada de ar-condicionado, geladeira, telefone, fogão a gás, água encanada, assistiu, pela televisão, o astronauta norte-americano Armstrong descer na Lua. Nessa ocasião, os EUA firmavam a sua posição de superpotência mundial, ancorados numa ampla hegemonia científica e tecnológica.

Certamente, se esse cidadão voltasse subitamente a viver hoje, espantar-se-ia com os computadores pessoais, com a INTERNET, com o telefone celular, o CD, o DVD, o MP3, o HDTV, HD DVD, as filmadoras digitais, com os serviços remotos (banco, comércio eletrônico, informações, educação etc.), a automação industrial, a nanotecnologia, novos fármacos, clonagem etc., assim como com a derrocada da URSS e com a ascensão política, econômica e militar da China e da Índia.

Na realidade, o acúmulo de conhecimentos, ao longo do tempo, tem resultado numa curva exponencial sem sinais de arrefecimento. A esse respeito, em 2000, a Hart-Rudman Presidential Commission do Congresso dos EUA, baseada em opiniões de especialistas, afirmou que “...os próximos dez anos trarão mais mudanças tecnológicas que o século XX todo, e os governos serão incapazes de acompanhá-las”. E isto, aparentemente, vem ocorrendo.

Diante dessa dinâmica de um mundo em constante mutação, graças aos avanços da ciência e tecnologia, a imagem que se formula é que tudo se passa como se estivessem indivíduos, empresas e nações subindo uma escada-rolante que se desloca, continuamente acelerada, em sentido contrário ao movimento de todos, sendo, portanto, necessário subir cada vez rápido para permanecer na mesma altura. Caso não acompanhem ou suplantem a escada da evolução científica tecnológica, os indivíduos tornam-se profissionalmente obsoletos, as empresas perdem competitividade e vão à falência, e

os países amargam o subdesenvolvimento e uma insuportável dependência externa do insumo mais estratégico do mundo moderno: o conhecimento.

Na evolução científica e tecnológica não há patamar definitivo a ser atingido, pois a escalada é contínua, ou seja, a escada não tem fim. Do exposto, conclui-se que, hoje, grandes desafios enfrentados pelos países, nos níveis local e global, estão intimamente relacionados com as contínuas e profundas transformações sociais ocasionadas pela velocidade com que têm sido gerados novos conhecimentos científicos e tecnológicos, sua rápida difusão e uso pelo setor produtivo e pela sociedade em geral. Pode-se afirmar que vivemos num mundo aceleradamente cambiante, cuja única certeza do amanhã é a incerteza.

Assim, avulta de importância, por parte dos governos nacionais, através das suas instituições, principalmente as educacionais e as de pesquisa, bem como por suas empresas, o contínuo monitoramento da evolução científica e tecnológica, e das mudanças sociais dela decorrentes ou antevistas. O acesso às informações do que se passa no planeta, o competente tratamento e análise das mesmas, assim como previsão e avaliação tecnológicas, passaram a ser de importância vital nas políticas e estratégias empresariais e governamentais em todos os níveis.

²O texto relativo ao 1º Impacto (Boletim de dezembro/08) sofreu, na formatação, a supressão do final. Naquele texto, o prof. Longo explicava que o sucesso das políticas de desenvolvimento científico e tecnológico, pelo fortalecimento da infra-estrutura pública de C&T e de algumas empresas e instituições individualmente envolvidas, não resultou na geração de inovações na dinâmica requerida. O processo de inovação – enfatizou –, sendo extremamente complexo e envolvendo muitos atores e fatores, que extrapolam os contidos no conceito de “sistema de desenvolvimento científico e tecnológico”, resulta de interações entre ciência, tecnologia, pesquisa, desenvolvimento experimental, tecnologia industrial básica, engenharia etc., que ocorrem dentro e fora das empresas e entre empresas. Há, ainda, a interferência de políticas públicas, recursos humanos, organização, gestão e participação de alianças estratégicas e de redes de cooperação, além de acesso a fontes de informações, mercado, fornecedores. A existência, ou não, de um sistema nacional ou local de inovação é evidenciada pelos resultados: geração e introdução no mercado de produtos e processos, tecnologicamente novos, assim como de melhorias tecnológicas significativas em produtos e processos existentes, sendo fundamental que as políticas nacionais privilegiem as interações entre os responsáveis pela geração, difusão e uso dos conhecimentos que potencialmente conduzam a inovações, à criação de uma ambiência favorável e à superação de óbices específicos, como, por exemplo, baixo nível educacional da população, desnacionalização excessiva de setores tecnologicamente mais dinâmicos do setor produtivo ou uma desestimuladora e ineficiente burocracia.

³Livre docente e professor titular da UFF na área de Engenharia, M. Eng. e PhD pela Univ. da Flórida. Foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFF, diretor da Fundação de Tecnologia Industrial – FTI, secretário executivo do PADCT, vice-presidente da FINEP, presidente da Empresa Fluminense de Tecnologia – FLUTECH, diretor interino do Observatório Nacional – ON, assessor especial do Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT, dentre outros. É autor de inúmeros livros, teses e artigos. Possui a Grã Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico e é pesquisador emérito do CNPq. Atualmente colabora com o Núcleo de Estudos Estratégicos – NEST da UFF.

3º IMPACTO: O “hiato gerencial”

Quanto à previsão da Comissão citada acima a respeito da incapacidade de acompanhamento das mudanças por parte dos governos,

(Continua na página 6)

Ano-Novo: novos desejos e esperanças, planos para um futuro que desejamos radiante... Momento de agradecer as bênçãos recebidas e pedir ao Senhor graças para um Ano de Paz, Fraternidade e Comunhão.

Na retrospectiva do ano que finda devemos refletir: “combatemos o bom combate”? Aos que responderem “Sim”!, a certeza de terem buscado o melhor, cumprindo com suas obrigações, enquanto seres humanos; os que ficaram na dúvida: ainda não existe vida, não é mesmo? Então, sigamos em frente... é importante corrigir rumos! E enfrentar com galhardia os desafios da pobreza, da desigualdade... O Ano-Novo nos incita a erradicar, de nós, o “homem velho” (como se dizia nem tão antigamente, sem nos preocuparmos com questões de gênero), com seus defeitos e fraquezas, e buscar contribuir para um ser pleno, para, juntos, ajudarmos a construir um mundo de Paz.

Dezembro nos trouxe alguns momentos muito significativos: em nossa capa, uma singela homenagem ao grande artista Burle Marx; *Notas e Comentários* apresentam interessantes notícias de dezembro e acontecimentos deste mês...; nos *Artigos*: evoluímos junto com os professores Ralph Zerkowski e Waldimir Pirró e Longo, na continuação dos temas “Impactos Sociais do Desenvolvimento Científico e Tecnológico” e “O curto século XX – Marxismo, Comunismo e Socialismo no Brasil e no Mundo”, respectivamente apresentados por esses dois grandes mestres; uma interessante matéria a respeito do nosso “Coral é Viver” que, a cada apresentação, consolida sua trajetória artística, sob a condução do maestro Joabe Ferreira; a bem-humorada crônica “O País vai bem!”, da educadora Hilda Faria. Finalizando, *Debates* traz um texto que nos leva a 40 anos atrás – “As novas gerações conhecem o AI-5?!”

Debate Debate

As novas gerações conhecem o AI-5?

Ceres Marques de Moraes

No sábado, 13 de dezembro p.p., a *Folha de S. Paulo* publicou um caderno especial (Brasil 2) alusivo aos 40 anos, completados naquele dia, da edição do *Ato Institucional nº 5*, assinado pelo então presidente general Artur da Costa e Silva.

Entre as muitas considerações feitas a respeito, pelo citado jornal, está o comentário do resultado de uma entrevista feita pelo *Datafolha*, entre 25 e 28 de novembro, com 3.486 pessoas e com base nas seguintes perguntas:

1) “Você já ouviu falar do AI-5?” 82% responderam que não, e 18% que sim. Dirigida a estes, perguntou-se:

2) Ouviu falar e considera-se ‘bem informado’, ‘mais ou menos informado’, ou, ‘mal informado’? As respostas foram dadas, respectivamente, por 3%, 7% e 8% dos entrevistados. Foram obtidos, ainda, dados relativos a sexo, idade, escolaridade e renda familiar dos entrevistados. Para os que responderam “que ouviram falar”, foi feita a pergunta:

3) “Em que ano foi instituído o AI-5?” 72% responderam que “não sabiam”; 11% responderam “certo” (o AI-5 foi instaurado, ao vivo, na *Voz do Brasil*, às 20h do dia 13 de dezembro de 1968); 16% responderam outros anos; e 1% não respondeu.

À última pergunta: “O general Costa e Silva agiu bem ou mal, ao decretar o AI-5?” 48% responderam “agiu mal”; 26% “agiu bem”; e 7% “foi indiferente”.

Em síntese, os próprios autores da matéria concluem: “Historiadores afirmam que o resultado do *Datafolha* é previsível e resulta das deficiências no ensino da história no país”

Seguem-se depoimentos dados na ocasião por três historiadores, a respeito da matéria: – “Vivemos num país em que as elites não têm preocupação em incentivar a educação e a pesquisa”. (Carlos Guilherme Mota, historiador da USP);

– “Há uma reconstrução do passado a partir do presente. Esquece-se o que houve para esquecer-se do aval dado”. (Denise Rollemberg, historiadora da UFF).

Daniel Aarão Reis, também da UFF, concorda. Diz que sempre que uma sociedade muda de valores, surge o desafio de compreender por que se tolerou a situação agora deixada de lado: “É muito mais simples não falar do assunto, esquecer”.

Publicação da Coordenação de Assuntos Culturais da Associação dos Professores Inativos da Universidade Federal Fluminense

Jornalista responsável:

Neusa Pinto – Reg. MTPS n.º 12.255

Equipe de redação:

Ceres Marques de Moraes,

Ana Maria dos Santos,

Nélia Bastos e Neusa Pinto

Data de fundação da ASPI-UFF:

14 de julho de 1992.

Sede:

Rua Passo da Pátria 19, São Domingos

CEP 24210-240 - Niterói, RJ

Tel.: (21) 2622-9199 e

2622-1675 (telefax)

E-mails: aspiuff@aspiuff.org.br ou

aspiuff@urbi.com.br e

aspiuff@veloxmail.com.br

Site: www.aspiuff.org.br

Diretoria Biênio 2007/2009

Presidente:

Rogério Benevento

1º Vice-Presidente:

Aidyl de Carvalho Preis

2º Vice-Presidente:

Acyr de Paula Lobo

Secretária-Geral:

Magaly Lucinda Belchior da Mota

Secretária Adjunto:

Léa Souza Della Nina

Tesoureira-Geral:

Maria Helena de Lacerda Nogueira

Tesoureira Adjunto:

Dalva Regina dos Prazeres Gonçalves

Conselho Deliberativo (membros efetivos):

Isar Trajano da Costa

Luiz César Aguiar Bittencourt Silva

Lucia Molina Trajano da Costa

Maria Candida de Assunção Domingues

Maria Felisberta B. da Trindade

Márcia Japor de Oliveira Garcia

Satiê Mizubuti

Sheilah Rubino de Oliveira Kellner

Jorge Fernando Loretto

Afonso Junqueira Accorsi

Conselho Fiscal (membros efetivos):

Antonia Vasconcelos Dias de Azevedo

Joaquim Cardoso Lemos

Luiz Olympio Vasconcellos

Nésio Brasil Alcântara

Maria Therezinha Arêas Lyra

Coordenadora de Assuntos Acadêmicos:

Nélia Bastos

Coordenadora de Saúde:

Magaly Lucinda Belchior da Mota

Coordenador de Assuntos Jurídicos:

Acyr de Paula Lobo

Coordenadora de Assuntos Culturais:

Ceres Marques de Moraes

Coordenadora de Integração Comunitária:

Lúcia Molina Trajano da Costa

Coordenadora de Lazer:

Léa Souza Della Nina

Coordenadora de Projetos Especiais

Aidyl de Carvalho Preis

Projeto Café-da-Manhã:

Maria de Lourdes Caliman

Projeto Gráfico:

Cecília Jucá de Hollanda

Revisão

Damião Nascimento

Serviços Gráficos

Gráfica Falcão

RECESSO DE CARNAVAL

A ASPI estará de recesso de 23 a 27 de fevereiro

Novas eleições na ASPI

Com a chegada de 2009, a ASPI já se prepara para dar cumprimento ao seu Estatuto, com vistas às novas eleições para sua Diretoria Executiva e Conselhos Deliberativo e Fiscal, com o seguinte calendário: em fevereiro, será instalada a Comissão Eleitoral que organizará todo o processo, e cuja Portaria aqui divulgamos. Interessados em se candidatar aos cargos eletivos: o prazo para as propostas vai de 10 a 20 de março, com as eleições acontecendo nos dias 30 e 31 e a homologação do resultado e posse pela Assembléia Geral Ordinária em abril. Em maio próximo, haverá a transmissão do cargo aos eleitos.

PORTARIA nº 02/2008

O presidente da Associação dos Professores Inativos da Universidade Federal Fluminense – ASPI-UFF, no uso de suas atribuições.

RESOLVE:

Designar as professoras **Eneida Fortuna Barros** (presidente), **Irene Starecki Galindo** (secretária), **Ruth Alaiz** e **Maria Helena de Lacerda Nogueira** (suplente), para integrar a Comissão Eleitoral que procederá à eleição da Diretoria e dos Conselhos Deliberativo e Fiscal da Associação, para o biênio 2009/2011.

Niterói, 16 de dezembro de 2008.
a) **Rogério Benevento** – Presidente

As novas mensalidades da ASPI-UFF

Assembléia Geral Extraordinária, reunida no dia 16 de dezembro de 2008, aprovou as novas mensalidades da ASPI-UFF, que passam a ser as seguintes: valor mensal mínimo de R\$ 43,00 (quarenta e três reais), para os sócios efetivos e de R\$ 36,00 (trinta e seis reais) para pensionistas e aposentados pelo INSS. Caso haja despesas para efetuar as cobranças, os sócios arcarão com as mesmas. E, em caso de “necessidade de recursos para manter o equilíbrio financeiro”, haverá um acréscimo de R\$ 5,00 (cinco reais) e R\$ 4,00 (quatro reais), respectivamente, para os sócios efetivos e para os sócios pensionistas e aposentados pelo INSS, a partir de julho de 2010. A Diretoria Executiva ficou autorizada a viabilizar os meios para a cobrança das referidas mensalidades.

ASPI se engaja na preservação da memória da UFF

A questão da *memória* da Universidade Federal Fluminense sempre esteve presente no rol das preocupações das diretorias da ASPI, desde sua fundação.

O dia-a-dia da ASPI, as questões que deram à Associação um novo rumo, em face da necessidade de se protegerem direitos ameaçados, ou lutar pelos muitos suprimidos, ações legalizadas sob o abrigo de “retalhos” à Constituição, a infra-estrutura inexistente para o desenvolvimento de um trabalho dessa envergadura, fizeram adiar a realização de um projeto de preservação da história e memória de nossa instituição de origem – a UFF. Mas, mesmo com as deficiências apontadas, algumas tentativas já haviam sido realizadas, conseguindo a ASPI obter depoimentos de alguns aspianos de mais de 80 anos que tiveram papel preponderante na Universidade.

Agora um motivo muito especial ensejou a volta ao assunto: a

comemoração do Jubileu de Ouro da Universidade Federal Fluminense que ocorrerá em 2010.

A intenção, ao retomar, agora, este trabalho, é preservar o valioso acervo de informações históricas que nem sempre consta dos arquivos oficiais, vez que são constituídas por experiências concretas de gerações que foram testemunhas oculares da trajetória de construção da UFF. É um trabalho que enriquece, não apenas a instituição, mas a própria história da Educação no país.

As atividades do projeto estão sendo realizadas pelas professoras Aidyl de Carvalho Preis, Delba Guarini Lemos (coordenadora), Ceres Marques de Moraes, Regina Célia Pereira da Rosa e a professora Ismênia de Lima Martins, na qualidade de consultora.

Almoço de Natal da ASPI antecipa a festa nos lares aspianos



Foi um sucesso o *Almoço de Natal*, realizado no dia 11 de dezembro, no já badalado e aconchegante restaurante Estação Gastronômica Porto. A festa, claro, foi na sede da ASPI, especialmente ornamentada para receber com “pompa e circunstância” seus associados e familiares.

Foi, realmente, uma “festa de família”, onde a alegria, contagiante, estava impressa em todos os rostos. Além da delicada lembrança aos aniversariantes, todos os convidados receberam de brinde um presentinho com a marca da ASPI...

O Coral “Cantar é Viver”, sob a regência de Joabe Ferreira, se superou, deixando a todos emocionados com o repertório escolhido. Também foi tocante a apresentação dos alunos dos cursos de língua estrangeira. Para completar, o belíssimo desempenho do professor de dança Tales e alunas movimentaram o salão...

O Bazar de Natal, muito concorrido, pois tinha tudo mesmo para ser um sucesso: um grande número de peças muito interessantes e a preços convidativos; não havia a correria das ruas e lojas apinhadas (como diz a moçada: “ir para as lojas, nessa época, *ninguém merece...*”); ambiente com música (o “Coral” fazia fundo musical...), ar condicionado... – tudo permitindo que uma boa parte dos presentes natalinos pudesse ser adquirida.

Apesar de programado, o momento festivo não permitiu a exibição do filme *Show do Vaticano*, que recomendamos aos que apreciam música de grandes autores e intérpretes, ainda mais com as Orquestras Sinfônica Italiana e Sinfônica de Turin, sob a regência do maestro Renato Serio.

Como prometido, estão sendo organizados os procedimentos para empréstimos de filmes da Videoteca do Cineclub que, por enquanto, tem 3 DVDs: *O Show do Vaticano* (musical), *Titanic* (drama) e *Um hotel muito louco* (comédia). Interessados poderão inscrever-se no “Círculo da Videoteca”. Informe-se!

Falando em Videoteca... Você já pensou em doar algum filme para enriquecer nossa videoteca? Não? Que tal pensar com carinho nisso...? É um projeto que servirá para todos nós. Aguardamos sua contribuição.

Agradecendo e retribuindo...

Com alegria, registramos e retribuimos os votos encaminhados à ASPI pelos professores Adelheid Mason, Amanda Celeste Pimentel, Hilda Faria, Jorge Mamede de Almeida, José Luiz Padilha Martins, Márcia Japor O. Garcia, Maria Aparecida Assumpção de Souza, Maria Lúcia de A. Fortuna e Ruth Alaiz e Lívio, Wilma Fagnoli Jobim e, ainda, dona Clotilde Louzeiro, dona Maria José de Souza Coutinho Gomes e Roberto Fadel e família.

Que este novo Ano seja o princípio de uma nova Era e que a Paz reine soberana! Feliz 2009!

Coral “Cantar é Viver” recebe convites especiais

Ninguém resiste a um coro afinado, um repertório muito bem selecionado e a alegria transmitida por uma boa música. Por conta de todos estes fatores, aliados à seriedade e técnica com que é conduzido, o *nosso* Coral tem sido alvo de muitos elogios e convites...: no dia 24 de novembro passado, o Coral se apresentou na sede social do Clube Canto do Rio, em Niterói, a convite do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (COMDDEPI), ligado à Prefeitura da cidade, no evento comemorativo dos sete anos de criação do referido Conselho. A programação, cuja abertura teve a presença da Banda Santa Cecília, contou com um desfile de modas, baile e uma homenagem à professora Satiê Mizubuti, membro da ASPI.

O Coral “Cantar é Viver” também se apresentou na Basílica da Imaculada Conceição, em Botafogo/RJ, no dia 10 de dezembro, onde, mais uma vez, recebeu aplausos efusivos pelo desempenho e repertório especialmente selecionado para o momento: um cânone de abertura – *Laudate Pueri* e a *Ave Maria*, de Gounod, num solo maravilhoso de Mário Della Nina. Também solaram *I Will follow Him* as aspians Márcia Japor de Oliveira Garcia, Maria Therezinha Arêas Lyra e Ilka Dias de Castro. Sheilah Rubino de Oliveira Kellner, com o solo do *nosso* cancionista, a *Ave Maria*, de Vicente de Paiva e Janine Redondo. Ainda no repertório, como não poderia deixar de ser, diversas músicas de Natal...

Cineclube ASPI-UFF debate escravidão

Aproveitando o tema do filme *Sinhá Moça*, apresentado em novembro, a professora Nélia Bastos teceu comentários a respeito do cenário e história, que transcrevemos: “o final do período escravagista numa fazenda de café de São Paulo, num lugarejo fictício chamado Araruna. Projeção das mazelas, violências do sistema escravocrata. Da fama, do poder pessoal dos fazendeiros, proveniente da quantidade de escravos. Até para obtenção de créditos, transações no mercado. Do consenso de que a escravidão era essencial à prosperidade do Império.

O filme apresenta cenas de folhetim ou de filmes de aventura. O que certamente provoca interesse pelo enredo, pelos personagens. Pelos dilemas cruciais. São refinadas descrições. Estratégias para conquistar um possível cinéfilo, arisco ao cinema nacional. Estratégias de *marketing*, ou estratégias de sobrevivência? A espinha dorsal do filme tem uma espécie de poder primitivo de encantar e seduzir o espectador. É um enredo conhecido. O autor brinca de suspense com um mascarado libertário e apaixonado. A mocinha é formada na capital. Não é o modelo da moça casadoura. Os jovens negros apaixonados, não são “tipos”. Fogem aos velhos clichês, estereotipados e racistas – do discurso da sedução – do “código erótico dos negros”.

O privilégio da linguagem do cinema é tentar exprimir a realidade através da realidade. Não vou falar do sistema de reprodução das vozes dos artistas. Falha que o diretor conseguiu superar. Prender a atenção do público. Desde o início, o fascínio pelo detalhe, das mãos, do rosto, do olhar. Da paisagem. A câmera deslizou soberana, leve, solta. Apresentou os personagens. Caminhou pela cidade. Não se deteve só no herói e na heroína.

O filme é passado no final do século XIX. Os atores são jovens.

Anselmo Duarte esqueceu que era o galã da Atlântida e se sai muito bem. Eliane Lage é uma presença marcante na sua estréia. E Ruth de Souza faz a jovem negra vítima do estupro. Apaixonada pelo jovem escravo que morre no tronco. Como em Romeu e Julieta, um frei trabalha em silêncio... Não chega a ser o frei espadachim, de Robin Hood...

Penso que o filme não é só água com açúcar. Uma simples reconstrução de época. O diretor capta o presente quando elege a violência como metáfora da escravidão. A violência não é só o absurdo. Não é só o impensável. O estupro da escrava é fora de cena. Oculto e silencioso. Ela caminha à frente, quase desfalece. O estuprador a segue. A câmera enfoca o rosto dela e o rosto dele. Como um zigue-zague. Em seguida, a senzala. A cena dos jovens escravos é ontológica. Separados pela grade. Tocam-se, silenciosamente. A interpretação de Ruth de Souza é sublime. Ressalto que o trabalho de fotografia lembra o cinema italiano do pós-guerra. A câmera intercala planos longos, assimétricos e majestosos. As sequências no trem. A corrida das charretes dos apaixonados. A valsa. A fuga dos escravos e a caçada floresta a dentro. A luz e a sombra. A casa e a senzala. Os negros acorrentados. O piano de Sinhá Moça e o batuque proibido. O incêndio que explode a senzala e ilumina a solidão devastadora dos escravos. A morte do feitor nos redime?”

Ainda o Cineclube ASPI-UFF

Como janeiro é mês de “arrumação” de casa, abriremos as sessões deste ano só em março, no dia 18. Aguardem...

Ministro recebe representantes de aposentados e pensionistas

O Encontro realizado pela FENAFE, em Aracaju, em maio/2008, “rendeu” a audiência no dia 1º de dezembro p.p., em Brasília, no Supremo Tribunal Federal, com o ministro Carlos Ayres Britto, na qual, além de representantes de associações de aposentados e pensionistas (MOSAP e a FENAFE), compareceram os Drs. Luiz Afonso Costa de Medeiros e Carlos Alberto Albuquerque, respectivamente presidente e diretor institucional do Fórum Brasileiro de Direitos Humanos.

A reunião teve o objetivo de obter o apoio do ministro Britto à causa que levou aposentados e pensionistas do Serviço Público a ingressarem na CDH/OEA com ação a favor de direitos humanos (fim do desconto para a Previdência e ressarcimento dos valores pagos). Esse documento será apensado ao processo que tramita na Organização dos Estados Americanos (OEA).

Segundo Luiz Afonso, a audiência foi muito além das expectativas.

ASPI participa do Dia Mundial da Mulher em Oração

No dia 6 de março, às 15 horas, estaremos reunidos – os homens são convidados especiais – ao mundo inteiro em Oração pela Paz. Este evento marca o início das atividades coletivas na ASPI. Una-se a nós!

Utilidade Pública: internação em situação de emergência

Você sabia que é proibida a exigência de depósito de qualquer natureza, em internação de doentes em situação de urgência e emergência, em hospitais da rede privada? Comprovada a exigência do depósito, o hospital será obrigado a devolver em dobro o valor depositado ao responsável pela internação. Esta lei obriga, ainda, os hospitais da rede privada a fixar o texto em local visível. (Lei nº 3.359, de 07/01/02)

O CURTO SÉCULO XX

Marxismo, Comunismo e Socialismo no Brasil e no Mundo

Ralph Miguel Zerkowski*

As Bases Teóricas do Marxismo e do Socialismo

Esta parte trata de alguns traços básicos legados por Karl Marx, e as diversas correntes do Socialismo. A posição central é de Karl Marx, em uma obra controversa, não terminada, e muitas vezes confusa. Escrita em alemão, traduzido¹ muitas vezes, por vezes modificado sob a interpretação de “gregos e troianos”. E usado e abusado, para fins propagandísticos, o que torna muito difícil perceber o texto em toda a sua essência. Com o fim dos regimes comunistas, e numa distância de quase duas décadas, é possível entendê-lo melhor. Neste sentido, sobra um Marx altamente perceptivo dos mecanismos que movem o capitalismo. Como diz Aron, Marx foi um grande analista, mas péssimo em matéria de projeção do futuro.²

Quais são os fundamentos de tudo o que foi escrito por Marx? Basicamente, ele tentou entender o capitalismo, e seu funcionamento, baseando-se nos clássicos, como Smith e, sobretudo, David Ricardo; entendeu que as forças intrínsecas do capitalismo seriam o germen da sua própria destruição, por meio do processo de redução do consumo das classes trabalhadoras pelos mecanismos da mais-valia, que consistiria num número crescente de horas trabalhadas que o trabalhador teria de fornecer ao patrão. Este processo independe da vontade do empresário, mas é intrínseco ao processo capitalista, porque ele necessita reinvestir e só poderá fazê-lo pela apropriação de fatias da remuneração do empregado. Paralelamente a isto, vem a inovação tecnológica que expelle mão-de-obra e incorpora cada vez mais capital. Conseqüência: a oferta de trabalho aumenta e os salários se deterioram também por esta via. Mais uma vez, o mercado de consumo se contrai, acabando macroeconomicamente eliminado

*O aspiano Ralph Zerkowski é professor aposentado da Faculdade de Economia da UFF.

¹Consta que a edição francesa de Marx da Pléiade, editada por Maximilien Ruebel, é a melhor, tendo Marx tido acesso à versão francesa básica, depois desta edição.

²Ver Raymond Aron - “O Marxismo de Marx”; São Paulo, 2004. Uma brilhante análise feita por um não marxista mas sobretudo um grande cientista social.

e a economia entra em estagnação. Assim, só a estatização da economia resolveria este problema, já que o Estado é impessoal e, por definição, só quer o bem comum (não por acaso que mais tarde as Economias Socialistas adotaram o termo significativo “mais-valia social” ou a “socialização do lucro”).

Há muitos outros pontos e, talvez, merecesse destaque a questão do antagonismo de classes ou a chamada “luta de classes”, entre capital e trabalho, que é inerente ao capitalismo, já que, se o trabalho vê sua remuneração diminuída e a do patrão aumentada, necessariamente estabelecer-se-ia uma disputa de apropriação do excedente, principalmente porque os meios de produção são privados. Sendo eles estatizados, passariam para a vala do “bem comum”, onde todos detêm a propriedade e, desta forma, se elimina a luta de classes.

A partir de Marx ocorreram variações de interpretações que resultariam nas várias correntes da esquerda que andaram pelo mundo, desde o comunismo ortodoxo, passando pelos socialistas democráticos, o euro-comunismo, dentre outros. O comportamento pós-marxista foi determinado, sobretudo, mais por fatores práticos do que por fatores ideológicos. Mesmo que, compartilhando de algumas das idéias de Marx, os partidos europeus, sobretudo, procuraram se apropriar da realidade e desenvolver pragmaticamente seus programas econômico-sociais. Por seu turno, os partidos burgueses, por assim dizer, procuraram desenvolver uma agenda social, para conquistar os votos dos trabalhadores. Por exemplo, Bismarck, figura central da unificação alemã, propulsor máximo do desenvolvimento econômico alemão, criou a primeira Seguridade Social do Mundo Ocidental, que viria a ser imitada pelos demais países europeus. Mas foi somente nos Estados Unidos que o socialismo sofreu mais revezes do que vitórias, conforme nos ensina Werner Sombart.³ O fortíssimo desenvolvimento econômico por que passou os Estados Unidos fizeram com que, quando as idéias de Marx prosperavam na Europa, aí as condições já estavam dadas e não houve clima para o seu desenvolvimento. Somente na depressão de 30 estas idéias tiveram algum eco, ainda que de forma sempre mais limitada que na Europa.

³Werner Sombart – *Why is there no Socialism in the United States*, New York, 1968.

Impactos Sociais... (Continuação)

entendemos que essa incapacidade atinge indivíduos, instituições, empresas e, em última instância, os governos. A razão é que a introdução de novas tecnologias, quase sempre, é uma decisão do setor produtivo, não discutido e não planejado pela sociedade. Na realidade, as alterações ambientais e comportamentais resultantes da introdução contínua de inovações tecnológicas são de tal magnitude e, às vezes, tão inesperadas, que as instituições sociais em geral, entre as quais os governos nacionais, não têm conseguido acompanhá-las e adaptar-se, enfrentando, então, sérias crises de gerenciamento. Estão, nesse caso, além dos governos nos seus diversos níveis, instituições tais como partidos políticos, religiões, forças armadas, empresas e as escolas.

Assim, estabelece-se um descompasso entre a nova realidade social resultante do avanço científico e tecnológico e a capacidade de adaptação dos cidadãos e de reação e reorganização dos grupos ou entidades sociais para o trato dessa nova realidade. É o que se tem chamado de “hiato gerencial”.

É preciso ter presente que novas tecnologias podem alterar hábitos, valores, prioridades e a própria visão que o homem tem de si mesmo e do mundo, exigindo, em conseqüência, novas regras de

convivência social e, certamente, novas práticas profissionais, nova educação para os jovens e atualização contínua para os adultos.

O “hiato” quando instalado pode levar os indivíduos à obsolescência profissional e ao desajuste social, as empresas à perda de mercados e, eventualmente, a falência, e os governos ao descrédito.

Exemplo de “hiato” governamental comum e recorrente têm sido os impactos de inúmeras inovações e suas conseqüências, posteriormente sentidas, no meio ambiente ou na saúde das pessoas. Exemplo bem atual são os crimes praticados através da INTERNET que não constam do nosso Código Penal, e que, ainda por cima, podem ser cometidos a partir de outros países cujas leis podem não coincidir com as nossas. Pode-se citar como outro exemplo a introdução da pílula anticoncepcional no mercado que resultou num “hiato” que atingiu os indivíduos (mudança no comportamento feminino, relacionamento homem/mulher,...), várias instituições sociais (família, religião, escola,...), o crescimento demográfico e o mercado de trabalho.

Fonte: Publicado na *DataGramaZero*, *Revista de Ciência da Informação*, v. 8, nº. 1, fev/07. Texto editado.

Um pouco da história do Coral “Cantar é Viver”

Ceres Marques de Moraes*



A criação da Associação dos Professores Inativos da Universidade Federal Fluminense – ASPI-UFF, em 1992, teve, entre seus principais motivos, a decisão de um grupo de docentes da UFF de tentar manterem unidos, em uma nova entidade, os cerca de 700 docentes da Universidade que repentinamente foram atingidos, no início do governo Collor (1991), por alterações dos critérios para a aposentadoria dos professores das universidades federais. A questão, em síntese, era posta nos seguintes termos: ou se aposentam imediatamente ou perdem direitos adquiridos. Ultrapassado o auge da crise, não obstante as lutas sem sucesso, foram tomadas as medidas para a criação da ASPI, com a elaboração e aprovação do seu Estatuto, que previu um Departamento de Difusão Cultural, com atividades, inclusive, relacionadas com um Clube de Música. De início foram realizadas reuniões do Clube para os associados cantarem ou ouvirem músicas, nacionais ou estrangeiras, populares ou eruditas, o que obteve grande aceitação do público, como, por exemplo, a apresentação do vídeo *Red Army Chorus and Dance Ensembles*,¹ seguido de debate; realização de reuniões, para lembrar a MPB tradicional, com a participação dos grupos “Amigos da Seresta” e o “Templo da Seresta”, sob a coordenação do prof. Adão Gonçalves da Mota (1995); e a realização do espetáculo “Música e Poesia” (1995), com voz e teclado do saudoso Dr. Sylvio Lago, aspiano da primeira hora e conhecido pediatra de Niterói.

A realização entre 1995 e 1996 de atividades diferenciadas de música, para um grupo estável de participantes, sobretudo interessados, levou a direção da ASPI e do DDC a pensar em uma atividade musical em grupo, permanente: um Coral parecia ser a opção mais viável, se dirigido artisticamente por um profissional da área. Aprovada a idéia, a direção do Coral foi exercida, de 1997 a 2000, pela professora e regente Maria Auxiliadora Marques de Moraes, com formação do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, bacharel em Violino pela Escola Nacional de Música, professora de Educação Musical em escolas da cidade do Rio de Janeiro e violinista da Orquestra Sinfônica Nacional da UFF. Neste período, o Coral contou também com uma tecladista, a professora Maria Leticia Marques de

Moraes, com formação em piano (bacharel) pela Escola Nacional de Música da UB, bacharel e licenciada em Letras Neo-Latinas pela Universidade do Brasil, docente de Língua Portuguesa em escolas das cidades de Niterói e do Rio de Janeiro.

A escolha do nome do Coral foi democrática, tendo sido escolhido o nome “Cantar é Viver”, proposto pela coralista Letice Souto Campos, que pertence ao grupo desde sua fundação até hoje.

Com as realizações de ensaios regulares, o Coral apresentou-se pela primeira vez na comemoração promovida pela ASPI alusiva ao Dia das Mães de 1997, sendo recebido com entusiasmo pelos presentes. A partir de então, o Coral “Cantar é Viver” passou a participar de todos os eventos para os quais era convidado, promovidos pela ASPI ou não.

No ano de 2000, por motivo de doença, a regente afastou-se do Coral; retornou, precariamente em 2001, permanecendo até 2003. Em 2004, assumiu a direção do Coral o regente Joabe Ferreira, que é bacharel em música sacra pela Escola de Música do Instituto Mackenzie (SP); fez vários cursos de regência coral e de canto no país e no exterior; participou de numerosas atividades musicais nas áreas citadas, inclusive a que obteve menção honrosa no Concurso Latino-Americano de Piano (2006), em Curitiba/PR. Em 2008, ingressou no curso de regência orquestral no Conservatório Brasileiro de Música (RJ) e continua seus estudos de técnica vocal. Em Niterói, o regente dirige, além do Coral “Cantar é Viver”, da ASPI-UFF, onde também leciona técnica vocal, o Coral FENABB, da AABB-Niterói, e o Coro Lírico Heloiza Fidalgo, da Escola Espaço de Música.

Com a nova fase do Coral “Cantar é Viver”, veio a participação de um grupo masculino de coralistas, que tem trazido um efeito sonoro novo, que muito agrada aos públicos presentes, e, com a volta dos ensaios regulares, foi sendo trabalhado um novo repertório, tendo o Coral recomeçado logo suas apresentações e seguindo, assim, a trajetória iniciada na 1ª fase, quando coralistas e regentes se reuniam para realizar, da melhor forma possível, a mensagem que inspira seu nome: “Cantar é Viver”!, mais significativa ainda por se tratar do nome de um Coral de 3ª idade.

¹ Gravado na Rússia, com temas de músicas russas e participação de orquestras, balés, corais etc.

*A professora Ceres é oriunda do Instituto de Matemática da UFF, dirige a Coordenação de Difusão Cultural da ASPI e é responsável por este Boletim.

Folclore



O País vai bem!

Hilda Faria*

O País vai bem! Repete o presidente dos Estados Unidos da República Federativa do Brasil. Temos reservas cambiais, o PIB em alta. O BC tomou medidas para debelar problemas que possam advir da crise econômica mundial. Significa que os ministros estão fazendo o dever de casa.

O ministro do Turismo aposta no sucesso das dunas, das praias, do pantanal, que belezas naturais temos para dar e vender. Como brinde aos turistas que vierem apreciar a terra dos papagaios poderíamos oferecer um mico-leão, ou uma arara, se não estivessem em extinção. Quem sabe eles resolvem para nós o enigma da nossa Esfinge, que habita os morros cariocas: – “Decifra-me ou devoro-te!”

A ministra chefe da Casa Civil cuida da sua pasta com talento e competência, porém não conseguiu evitar a “pororoca”, após sua candidatura à Presidência da República. Inveja de políticos machistas. “Que los hay, los hay.”

O ministro do Meio Ambiente circula entre ianomanis, fazendeiros, grileiros, decidido a apagar o fogo, na Amazônia, ainda que seja legal. E aquele outro, na moita, valorizou nossa cultura ponto a ponto, da música erudita à popular, da rabeça ao violino, da dança de rua ao balé. Que os ventos o tragam de volta com sua competência e transparência!

A Educação, fada-madrinha disputada por salvadores da Pátria amada, vai caminhando, graças aos professores e ao Divino Espírito Santo. O ENEM, o APRENDIZ-LEGAL, o PRO-JOVEM, os CEFETs dão seu recado para as futuras gerações (Acorda Brasil!)

Quanto aos CENTROS DE PESQUISA e aquela universidade lá do Sul avançam entre cobras e lagartos. Os primeiros parecem Contos da Carochinha, e, na segunda, los hermanos vão debater, em tupi-guarani, problemas insolúveis como: o destino das FARC, dos sem-terra, dos pingüins... passando pela Casa dos Espíritos

eapoesia de Drummond. E as ESE (Faculdade de Educação) que tiveram quantificados seus objetivos, devem contar os alunos que saem, enquanto esperam por recursos escondidos em toca de Tatuí. Que o ministro da Fazenda, sempre comedido, não diz onde está, nem para onde vai. E o presidente insiste:

— O Brasil vai bem! Quem disser o contrário, brasileiro não é!
Mas o ministro do Planejamento adverte:
— Cuidado com o boato que é fato!

Não podemos esquecer o ministro que vive nos ares, anjo da guarda do presidente. Redescobriu a África de nossos avós, a Arábia de Agar, a Índia surpreendente, a China dos dragões, tambores, penduricalhos, entre bilhões de clones. Para eles, queremos vender soja, frango, carne, até o óleo de girassol. Porque Deus é brasileiro. São milhões que vão e vêm... Quem sabe, qualquer dia, esse ministro perde o rumo do Oriente e leva nosso Marco Polo do ABC, aos páramos distantes, para vender etanol e açaí, aos homens lá de cima. Não fosse ele das relações exteriores, internacional pela própria natureza. Até que lembra o marechal Rondon e Rio Branco, gente fina do Itamarati, para ninguém botar defeito.

O presidente, preocupado com os falares e cantares da última flor do Lácio, por mares nunca dantes tão navegados, assinou a Lei do Acordo Ortográfico, que elimina alguns acentos e restabelece o direito do Y, do K e do W, de figurarem em nosso vocabulário, já que temos tantos Ary, Waldir, para não falar de Yone, Yolanda, Kaka.

Acreditem! O País vai bem! Então, vamolá comemorar sem competividade, grifando certo pobrema (de aritmética) e poblema (social).

AXÉ! SARAVÁ! SHALOM! MAKTUB! AMÉM

*A aspiana Hilda Faria é professora aposentada da Faculdade de Educação da UFF.

Aniversariantes



Janeiro

“Ano-Novo, vida nova”, diz o ditado popular. Assim, desejamos a todos os que estão completando idade nova neste mês, um ano pleno de alegria, com saúde e harmonia ... Feliz Aniversário!

- | | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------|
| 1 Ivan Capille | Sebastiao Clóvis da Silva | Marylena Carvalho |
| 2 Affonso Lima Vianna | 11 Itamar Rigueira | 24 Gelcira Bastos Braga |
| Ana Helena Pacheco Moreira | 13 Berenice de Oliveira Cavalcante | Geraldo Araújo Nunes |
| 3 Aristeo Gonçalves Leite | Edson Lessi | Leda Motta |
| Eliane de Oliveira Sabóia Ribeiro | Ozilda Lisbôa Menna Goncalves | 25 Ana Maria dos Santos |
| 4 Werther Aristides Vervloet | 15 Darcy Ferreira dos Santos | Domício Proença Filho |
| 5 Márcia Maria Pinheiro de Oliveira | Irene Starecki Gallindo | 28 Lydia Lane Mac Knight |
| 6 Eneida Pontes Vieira | 17 Edna Teixeira Lima | Márcio José de Araújo Torres |
| Lygia Therezinha R. de Lemos | José Carlos de Almeida | Marlene Carmelinda G. Mendes |
| Norma Dufrayer Fanzeres | Marcílio Dias do Nascimento | 29 Déa Sillos Marinho Falcão |
| Suely de Oliveira Santos | 20 Marília Tavares | 30 Alice Barros Maia |
| 7 Ralph Miguel Zerkowski | Mary Sebastiano de Aguiar Ruch | Robert Preis |
| 8 Maria Léa Boschi | Sebastião Gil Ribeiro | 31 Ciro Denevitz de Castro Herdy |
| Rachel Sílvia Jardim Mocellin | 21 Orsely Guimarães Ferreira de Brito | João Luiz Duboc Pinaud |
| 9 Dalma B. Portugal do Nascimento | Ruth Alaiz | |
| Maria Eliza de Souza Bonfim | 22 Edila Pinheiro Pinto | |